



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

A agenda da semana no Brasil é movimentada e traz dados de crédito, inflação, emprego e contas públicas.

- A Pesquisa Especial de Crédito da Febraban estima que o saldo de crédito total cresceu 0,2% em janeiro, com a expansão anual da carteira atingindo 10,4% (ante +10,2% em dezembro), se mantendo, portanto, com ritmo de alta de dois dígitos.** No mês, o crescimento deve ser liderado pela carteira destinada às famílias, refletindo a sazonalidade do período, caracterizado por obrigações extras de início de ano (IPTU, IPVA, entre outros). Já o saldo das operações com empresas deve recuar, reflexo da menor utilização de linhas de desconto de recebíveis, dado o menor volume de vendas no varejo (em relação a dezembro). De toda forma, no acumulado em 12 meses, o saldo de crédito das empresas deve voltar a acelerar, em função do forte crescimento das linhas governamentais destinadas às MPMEs. O resultado oficial será divulgado pelo Banco Central na quarta-feira (25). Veja mais detalhes sobre a pesquisa nas [páginas 7 e 8](#).
- O IBGE divulga o resultado do IPCA-15 de fevereiro na sexta-feira (27), que deve voltar a ficar abaixo de 4%, patamar não observado desde maio/24 (3,70%).** O consenso do mercado estima que o índice subiu 0,55% no mês, pressionado, como de costume, pelo reajuste anual das mensalidades escolares. A alta do IPCA-15 deve ser menor que a registrada em fevereiro de 2025 (+1,23%), quando as tarifas de energia elétrica subiram bastante (+16,33%) devido à devolução do Bônus de Itaipu, que vigorou em jan/25. Neste ano, ao contrário, as tarifas devem cair, favorecidas pela manutenção da bandeira verde. Com isso, no acumulado em 12 meses, o índice deve desacelerar de 4,50% para 3,81%. Ainda no âmbito da inflação, a FGV divulga o IGP-M de fevereiro, que deve recuar 0,59% no mês, seguindo em terreno deflacionário no acumulado em 12 meses (-2,52%; ante -0,90%), refletindo a queda dos preços agropecuários no atacado. Portanto, ambos os indicadores devem reforçar o sentimento positivo em torno do processo de desinflação da economia.
- No mercado de trabalho, os dados do Caged devem manter a tendência de desaceleração do processo de geração de vagas formais.** O resultado será divulgado pelo Ministério do Trabalho na sexta (27), com expectativa de geração de 95,0 mil vagas no mês, abaixo do observado em janeiro de 2025 (152,6 mil) e da média para o mês desde 2020 (158,3 mil). Portanto, embora siga em patamar positivo, os dados devem seguir apontando para alguma moderação do mercado de trabalho, que, junto com os números da inflação, devem dar conforto para o BC iniciar o processo de queda dos juros em março.
- O Tesouro divulga o resultado fiscal de janeiro do governo central na quinta (26), enquanto o BC divulga os números do setor público consolidado na sexta (27), que devem mostrar elevados superávits.** A expectativa dos analistas é de superávits de R\$ 89,0 bi e R\$ 106,0 bi, respectivamente. Contudo, os números possuem forte sazonalidade, dada a arrecadação extraordinária de IR (fechamento de ano) pelo governo federal em janeiro e menor volume de gastos no mês. Como exemplo, em janeiro de 2025, os resultados foram positivos em R\$ 85,1 bi e R\$ 104,1 bi, nessa ordem. Portanto, os números devem ser lidos com ressalvas, pois não indicam uma tendência. Além disso, os analistas estarão atentos à dinâmica da arrecadação, fundamental para garantir o cumprimento da meta fiscal neste ano, em um contexto de desaceleração econômica.
- No setor externo, a balança de transações correntes deve registrar déficit de US\$ 6,6 bi em janeiro.** O déficit é menor do que o registrado em jan/25 (US\$ 9,8 bi), refletindo o aumento do saldo comercial, em função do recuo das importações no período. Assim, no acumulado em 12 meses, o déficit externo deve cair para US\$ 65,5 bi ou 2,9% do PIB (ante 3,0% do PIB), trazendo um cenário relativamente confortável para as contas externas, que voltaram a ser financiadas de forma integral pela entrada de investimento estrangeiro direto no país.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Com a agenda internacional enxuta em termos de indicadores, as atenções dos agentes se voltam para os desdobramentos do imbróglio envolvendo as tarifas comerciais implementadas por Donald Trump, após decisão da Suprema Corte na última sexta-feira de suspender a medida. A decisão do judiciário norte-americano (placar de 6 votos a 3) foi de manter a decisão de uma instância inferior, que concluiu que o presidente dos EUA excedeu sua autoridade no uso da Lei de Poderes Econômicos de Emergência Internacional (IEEPA, em inglês). Como resposta, Trump anunciou uma tarifa única de 15% sobre as importações de todos os parceiros comerciais. No campo geopolítico, o mercado acompanha de perto a escalada da tensão entre EUA e Irã, onde parece crescer a possibilidade de um ataque norte-americano ao país do Oriente Médio em meio às dificuldades de se chegar a um acordo sobre o programa nuclear iraniano.

Quanto aos indicadores econômicos, destaque para os dados de inflação nos EUA. Na sexta-feira (27), será divulgada a leitura dos preços ao produtor (PPI) referente ao mês de janeiro, onde a expectativa do mercado é de alta de 0,3% no mês, desacelerando para 2,6% em 12 meses (ante 3,0%). Os dados são importantes para acompanhar o impacto das tarifas para o custo das empresas no país e, no limite, seus impactos para a postura do Fed. Este tema esteve no centro de discussões na semana passada, após a dura crítica de Kevin Hassett, conselheiro da Casa Branca, a um estudo do Fed de NY, que apontou que as empresas e consumidores suportaram aproximadamente 90% do ônus das tarifas comerciais.

Na Zona do Euro, destaque da semana para a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de janeiro, que deve permanecer abaixo da meta do BCE. A expectativa é que o CPI recue 0,5% no mês, levando o índice a desacelerar para 1,7% nos últimos 12 meses (ante +2,0% em dez/25). O resultado deve reforçar a confiança da autoridade monetária em manter os juros básicos da região inalterados. Dentro deste tema, vale destacar as notícias sobre a possível saída antecipada de Christine Lagarde da presidência do BCE, cujo mandato está programado para terminar apenas em out/27. Até o momento, não houve forte reação do mercado, mas os agentes seguem atentos às discussões sobre o tema.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23-26/fev	FGV: Sondagens de Confiança	Fev/26	-	-
24/fev	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jan/26	US\$ -6,6 bi	US\$ -3,4 bi
25/fev	BCB: Estatísticas Monetárias e de Crédito	Jan/26	0,2% m/m* 10,4% a/a*	1,8% m/m 10,2% a/a
26/fev	FGV: IGP-M	Fev/26	-0,59% m/m -2,52% a/a	0,41% m/m -0,90% a/a
26/fev	Tesouro: Resultado Primário do Governo		R\$ 89,0 bi	R\$ 22,1 bi
26/fev	BCB: Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	1º tri/26	-	-
26/fev	CMN: Reunião Ordinária	Fev/26	-	-
27/fev	BCB: Estatísticas Fiscais	Jan/26	R\$ 106,0 bi	R\$ 6,3 bi
27/fev	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jan/26	97,1 mil	-618,2 mil
27/fev	IBGE: IPCA-15	Fev/26	0,55% m/m 3,81% a/a	0,20% m/m 4,50% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/fev	China	Taxas de Empréstimo Prime: 1 ano e 5 anos	Fev/26	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
24/fev	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Fev/26	87,0 pts	84,5 pts
24/fev	EUA	Estoque do Atacado	Dez/25	0,2% m/m	0,2% m/m
25/fev	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/26 - final	-0,5% m/m 1,7% a/a	0,2% m/m 2,0% a/a
26/fev	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Fev/26 - final	-12,2 pts	-12,4 pts
27/fev	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jan/26	0,3% m/m 2,6% a/a	0,5% m/m 3,0% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Prévias reforçam acomodação do PIB no 4T25, mas com alta na faixa de 2% no ano

Os resultados do Monitor do PIB da FGV e do IBC-Br, indicador do Banco Central que acompanha a evolução da atividade econômica, apontaram para uma continuidade da perda de fôlego da economia no 4º trimestre, embora o suficiente para garantir um crescimento acima de 2% em 2025.

O índice IBC-Br encerrou 2025 com crescimento de 2,5%, mesmo após a queda de 0,2% registrada em dezembro, resultado mais favorável do que a expectativa de -0,4%, mostrando ainda certa resiliência da atividade econômica no período, em um contexto de política monetária ainda restritiva. No 4T25, o IBC-Br avançou 0,4% em relação ao 3T25, desempenho levemente acima do esperado.

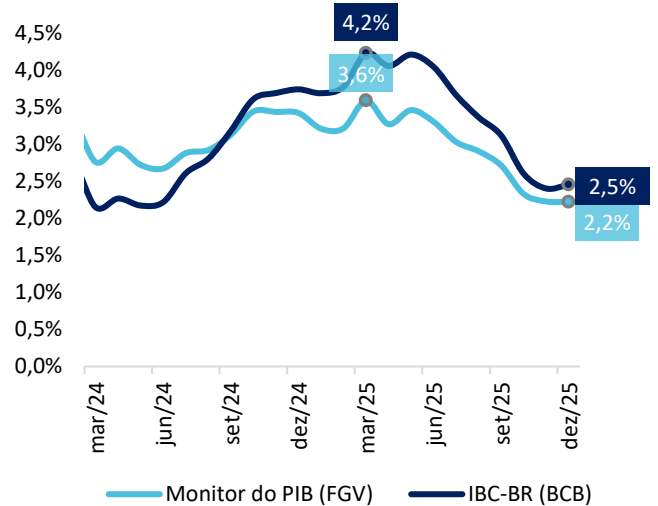
A sustentação da atividade ocorreu principalmente pelo setor de serviços, que cresceu 0,5% na comparação trimestral, apoiado pelos ganhos de renda no mercado de trabalho e pela expansão do crédito. Em sentido oposto, a indústria apresentou retração de 0,2%, acumulando três trimestres consecutivos de queda, movimento compatível com sua maior sensibilidade aos juros elevados, especialmente nas indústrias de transformação e construção civil.

A agropecuária, de menor peso no indicador, cresceu 2,8% no 4T25 e encerrou 2025 com forte alta de 13,1% no IBC-Br. Ao se excluir o impacto do setor agrícola, o indicador teria registrado crescimento de 0,3% no trimestre e de 1,8% no ano, resultado 0,7 p.p. inferior ao observado no índice agregado. Esses números mostram que, diferentemente de 2024, a agricultura desempenhou papel determinante na sustentação da atividade econômica ao longo de 2025, compensando a desaceleração dos setores mais cíclicos, ou seja, aqueles mais afetados pela política monetária.

O Monitor do PIB calculado pela FGV, por sua vez, apontou expansão de 2,2% em 2025, com estabilidade da atividade no 4T25 em relação ao 3T25, consolidando o movimento de desaceleração econômica observado ao longo do ano (Quadro 1).

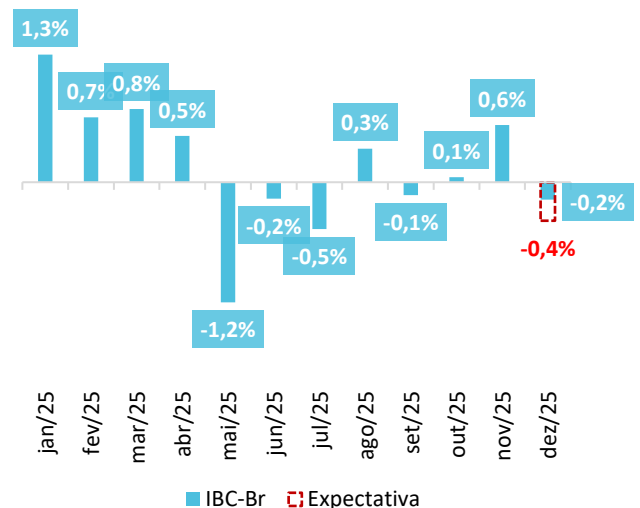
Pelo lado da oferta, de forma similar, destaca-se também o crescimento da agropecuária (+11,6%), sustentada pelo forte avanço da safra de grãos no ano. Já o setor de serviços cresceu 1,7%, impulsionado pelos avanços dos segmentos de Informática (+6,0%) e Transporte (+2,3%).

Quadro 1: Indicadores Prévios ao PIB
Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: FGV e BCB

Quadro 2: IBC-Br
Var. % mensal



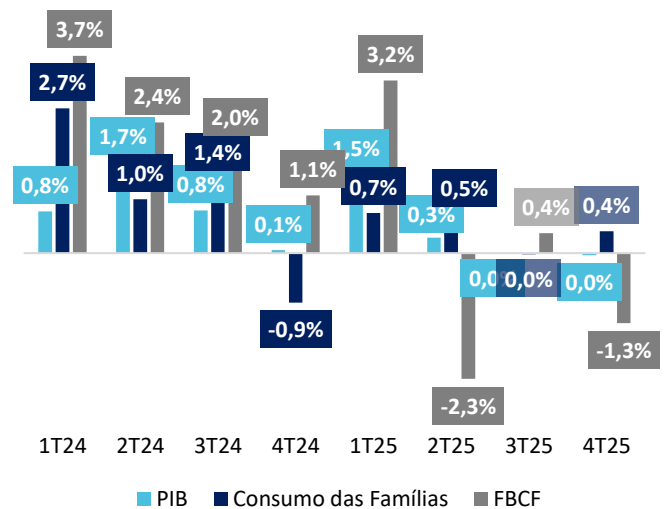
Fonte: BCB

Na indústria, o desempenho foi heterogêneo, com retração da indústria de transformação (-0,2%) e de eletricidade, gás, água e esgoto (-1,0%), enquanto a indústria extrativa apresentou forte alta (+8,6%) e a construção civil registrou modesto crescimento de 1,3%, bastante inferior ao observado em 2024 (+4,4%), refletindo o impacto mais intenso do ambiente de política monetária restritiva.

Pelo lado da demanda, o consumo das famílias apresentou desaceleração significativa, crescendo apenas 1,5% em 2025. Os segmentos mais sensíveis ao crédito foram os que mais perderam tração, como o consumo de bens duráveis, cujo avanço foi de apenas 0,5% no ano, após crescer 11,6% em 2024. A perda de dinamismo, no entanto, se estendeu também aos serviços e aos bens não duráveis e semiduráveis. Em sentido oposto, a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) encerrou o ano com expansão de 3,6%, alcançando 17,1% do PIB, incremento de 0,2 p.p. em relação a 2024. O setor externo também apresentou bom desempenho, com crescimento de 6,2% das exportações, mesmo diante das tarifas restritivas impostas pelos Estados Unidos. Houve expansão nas exportações de produtos industrializados (+5,8%), agrícolas (+4,1%, revertendo o resultado negativo de 2024) e de extração mineral (+8,0%), enquanto as importações avançaram 5,1%.

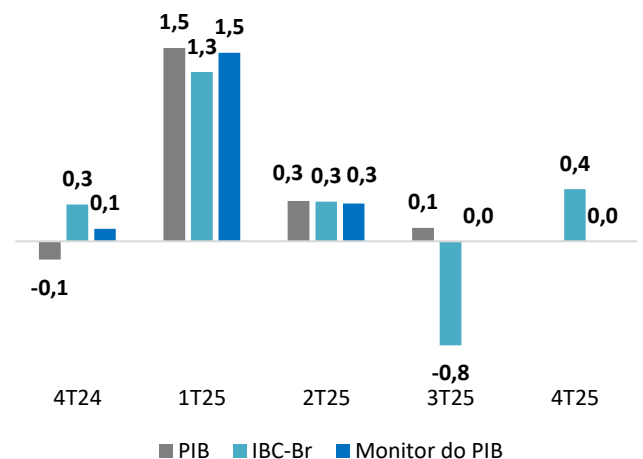
Portanto, apesar das diferenças metodológicas e quantitativas entre os dois indicadores e em relação ao cálculo do PIB (IBGE), ambos apontam na mesma direção: desaceleração econômica, com desempenho do PIB próximo à estabilidade no 4º trimestre, mas com crescimento ainda na faixa de 2% em 2025, sustentado pelo expressivo avanço da agropecuária. O resultado oficial será divulgado pelo IBGE no dia 3 de março.

**Quadro 3: Monitor do PIB
Var. % Trimestral**



Fonte: FGV

**Quadro 4: PIB, IBC-Br e Monitor do PIB
Var. % Trimestral**



Fonte: IBGE, BCB e FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Suprema Corte derruba tarifas de Trump em semana de PIB fraco e inflação persistente

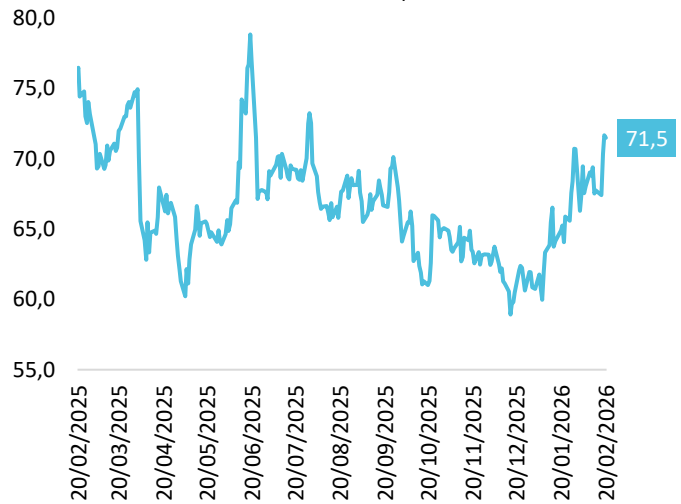
A última semana foi bastante agitada no mercado internacional, com a notícia mais relevante vindo na sexta-feira, com a Suprema Corte dos EUA derrubando as tarifas impostas por Donald Trump no “Dia da Liberação”, julgando que houve excesso de autoridade. A decisão foi, até o momento, a grande derrota política de Trump no atual mandato, que respondeu ameaçando com uma tarifa global de 15%. A decisão beneficiou os ativos de risco, que subiram no dia, apagando as perdas do início da semana.

No campo geopolítico, pesou a escalada das tensões entre os EUA e o Irã, com Trump declarando que “dará um passo além”, caso não haja um acordo sobre o programa nuclear iraniano. Com isso, o preço do petróleo (tipo *Brent*) subiu quase 6,0% na semana, retomando o patamar de US\$ 70 por barril. Além disso, houve forte recuo dos estoques da *commodity*, ajudando também a impulsionar o preço do barril. Dentre os indicadores econômicos, o PIB dos EUA veio abaixo do esperado no 4T25, enquanto o índice de preços PCE voltou a mostrar persistência da inflação, reforçando as apostas dos agentes em manutenção dos juros pelo Fed em suas próximas reuniões.

Com relação aos dados, destaque para a prévia do PIB do 4T25 que subiu 1,4% em termos anualizados ante o período anterior, bem abaixo do esperado (+3,0%). O resultado representa uma expressiva desaceleração ante o 3T25 (+4,4%), contido pelo *shutdown* de mais de 40 dias, com os gastos do governo federal caindo 5,1% no período. O consumo das famílias seguiu crescendo, mas também com menor ímpeto (+2,4%; ante +3,5%), se mantendo como a principal fonte de crescimento da economia do país, enquanto os investimentos voltaram a crescer (+3,8%), impulsionados por investimentos de propriedade intelectual (IA). Assim, o PIB dos EUA cresceu 2,2% em 2025, após 2,8% em 2024.

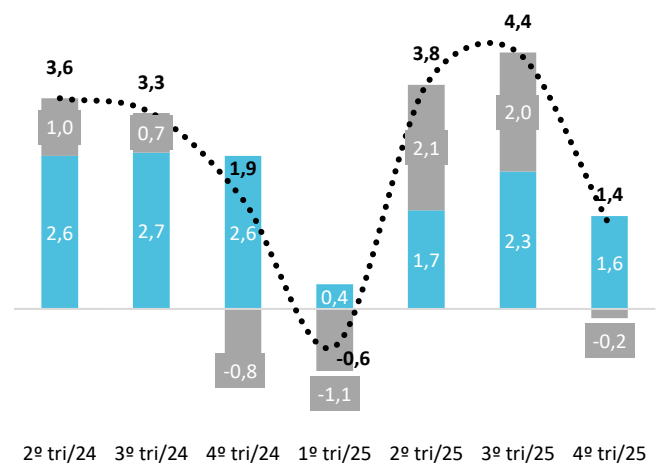
No campo da inflação, o deflator dos gastos (índice PCE) subiu 0,4% em dezembro, acima do esperado (+0,3%), acumulando alta de 2,9% no ano (ante 2,8% em nov/25 e 2,7% em dez/24), enquanto o núcleo atingiu 3,0%, maior patamar desde mar/24. Na semana também foi divulgada a ata da última reunião do Fed (28/jan), quando o Colegiado decidiu, em votação dividida (10 contra 2), manter os juros inalterados entre 3,50% e 3,75% aa, após três cortes (-0,25 pp) consecutivos. O documento ressaltou os riscos de a inflação permanecer de modo persistente acima da meta (2,0% aa). De toda forma, o documento mostrou que “diversos participantes” entendem que novos cortes seriam apropriados caso a inflação desacelere em linha com as expectativas do Comitê.

Quadro 5: Preço do barril de petróleo (tipo *Brent*) Em US\$



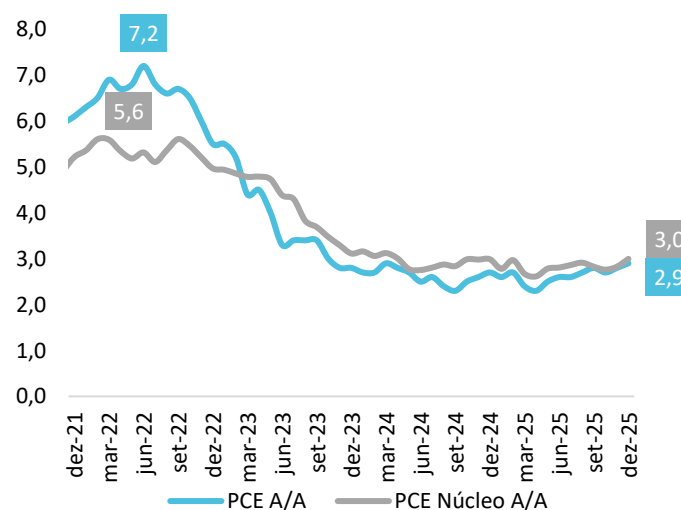
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – PIB Var. % trimestral anualizada



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Deflator de gastos pessoais (PCE) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve crescer 0,2% em janeiro, atingindo alta anual de 10,4%

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,2% em janeiro, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com isso, a expansão do crédito deve apresentar leve aceleração na comparação anual, atingindo 10,4% (ante +10,2% em dezembro), se mantendo com ritmo de expansão de dois dígitos, apesar da elevada taxa Selic.

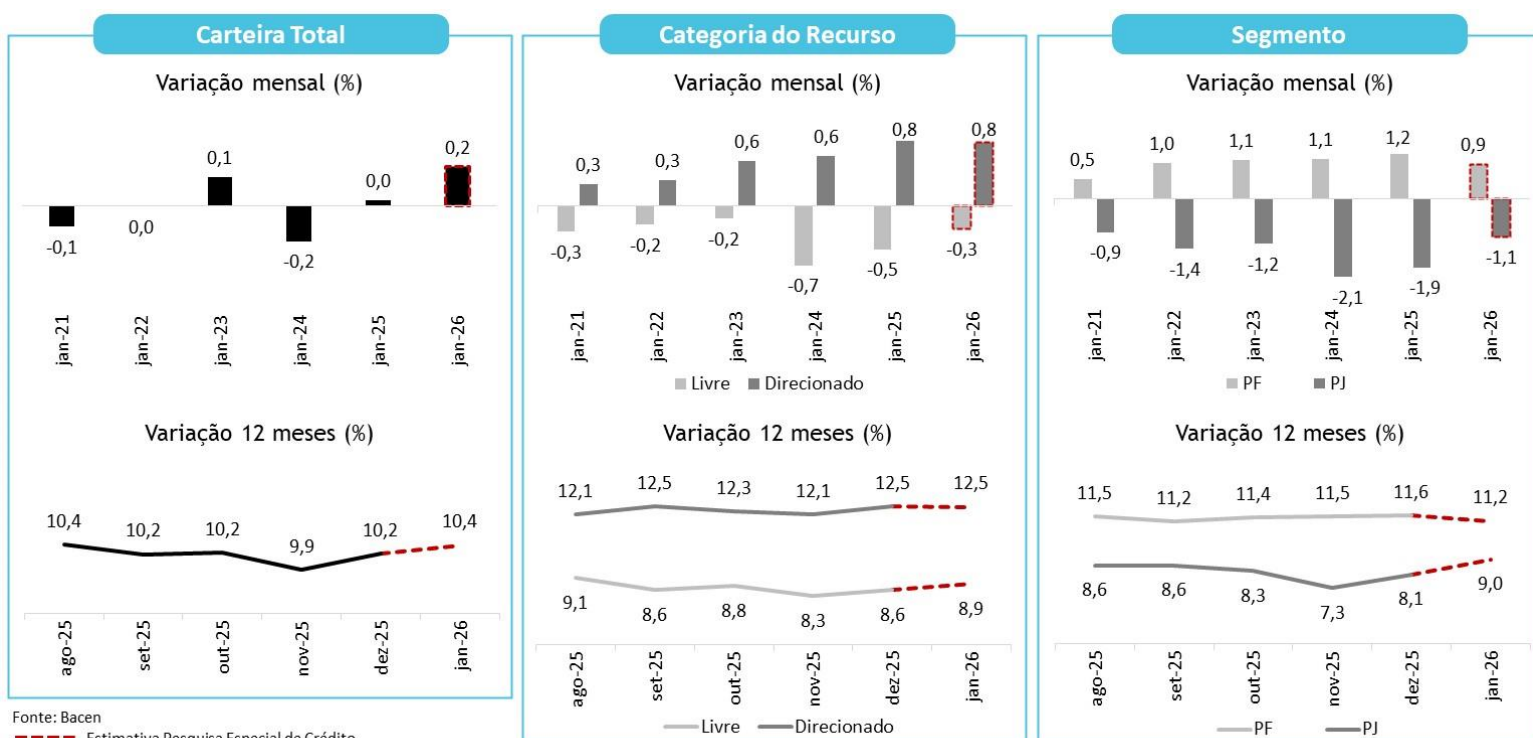
No mês, o crescimento deve ser liderado pela carteira destinada às famílias (+0,9%). A carteira com recursos livres deve subir 1,0%, com destaque para as linhas rotativas, refletindo a sazonalidade do período, caracterizado por obrigações extras de início de ano (IPTU, IPVA, entre outros), que mais do que compensam a queda do saldo do cartão de crédito à vista (menor volume de compras). Contudo, a expansão deve ser menor do que a observada no mesmo mês do ano passado (+1,4%), levando a uma ligeira desaceleração da carteira Livre PF em 12 meses, de 13,2% para 12,8%, embora em nível ainda elevado.

Já a carteira com recursos direcionados deve avançar 0,8% no mês, beneficiada pelas renegociações no crédito rural (MP 1.314), além da manutenção de certo dinamismo do habitacional, com expansão anual de 9,4% (ante +9,6%).

A carteira destinada às empresas deve cair 1,1% no mês, em função do desempenho negativo dos recursos livres (-2,3%), que normalmente recuam no início do ano, reflexo da menor utilização de linhas de desconto de recebíveis e antecipação de faturas de cartão, dado o menor volume da atividade econômica em relação a dezembro (especialmente no varejo). De todo modo, o recuo deve ser mais contido do que o observado em jan/25 (-3,2%) e levar a carteira Livre PJ a acelerar de 2,3% para 3,3%, mas ainda em baixo nível.

A carteira com recursos direcionados, por sua vez, deve crescer 0,8% no mês, novamente impulsionada pelos programas de crédito governamentais para as MPMEs, mantendo uma expressiva expansão do segmento em 12 meses (+18,7%; ante 18,4%).

Quadro 8: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

As concessões de crédito devem apresentar queda mensal de 15,2% em janeiro. Ajustando por dias úteis, a queda estimada das concessões é de 11,2%, bastante disseminada entre as linhas em função da sazonalidade na comparação entre janeiro e dezembro.

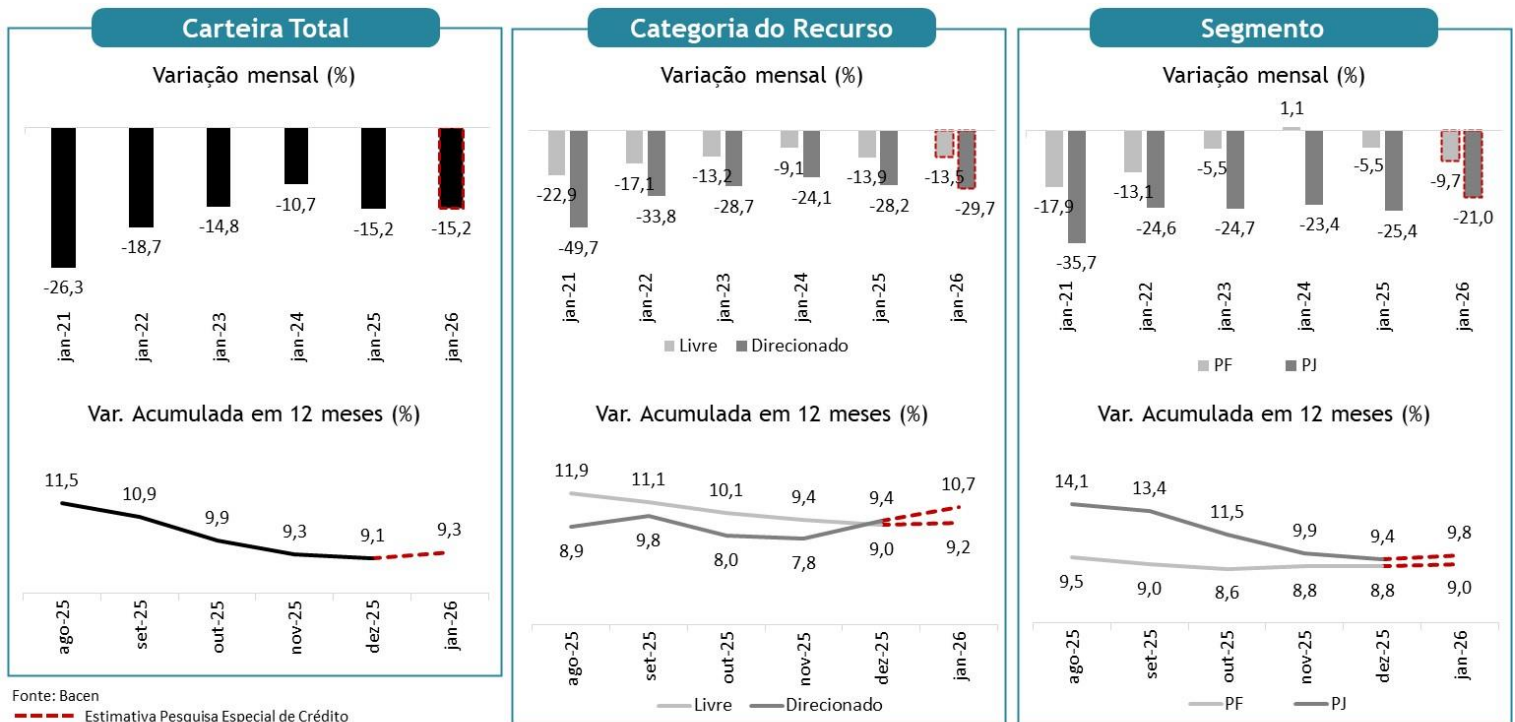
Na comparação com janeiro de 2025 (por dias úteis), que elimina efeitos sazonais, as concessões devem crescer 18,6%, com a alta sendo liderada pelas linhas com recursos direcionados destinadas às empresas, em função da continuidade do elevado patamar das concessões dos programas governamentais e com recursos do BNDES. De toda forma, no geral, as concessões das principais linhas devem seguir em crescimento nesta métrica, exceto no crédito rural, que segue com menor dinamismo em função da elevada inadimplência no setor.

No acumulado em 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões totais voltou a acelerar, revertendo uma sequência de 9 meses em desaceleração, passando de 9,1% para 9,3% em janeiro, movimento observado tanto na carteira PF quanto PJ.

Portanto, a pesquisa aponta que o ritmo de expansão do crédito segue elevado, apesar da política monetária em nível bastante contracionista. O crescimento da carteira total tem se mantido no patamar de dois dígitos, sustentado pelos programas governamentais (PJ Direcionado) e linhas voltadas ao consumo para as famílias (PF Livre). O ponto de atenção se mantém com a composição da carteira, que segue impulsionada por linhas de maior risco no caso das famílias, o que naturalmente leva a uma preocupação com o comportamento da inadimplência.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para ser divulgada no dia 25 de fevereiro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 9: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Janeiro/2026

CRÉDITO / BANCOS

O mercado de capitais doméstico registrou captação recorde em janeiro, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. Foram captados R\$ 59,9 bilhões no mês, maior volume observado para meses de janeiro na série histórica, com dados já corrigidos pela inflação (IPCA). O valor representa um avanço de 25,0% ante o mesmo mês de 2025 e mais do que o dobro da média dos meses de janeiro entre 2020 e 2024.

Os números demonstram que o mercado de capitais iniciou o ano com força, embora ainda concentrado em instrumentos de renda fixa (77% do total captado), mas com perspectiva de melhora para o segmento de renda variável (emissão de *equity*), em função da expectativa de queda da taxa Selic.

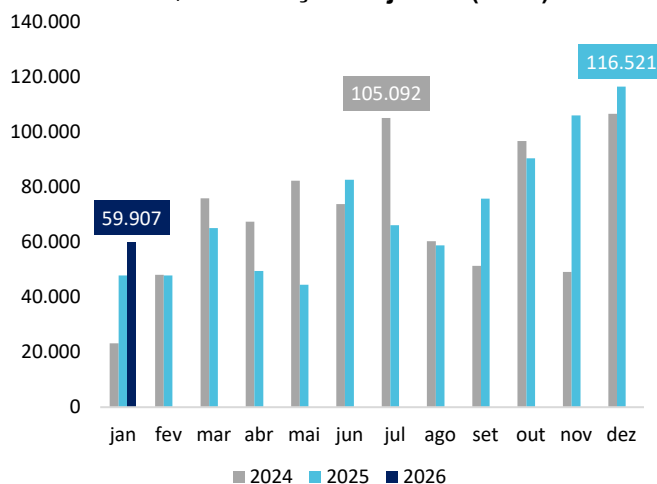
As debêntures seguiram liderando as captações, com R\$ 26,9 bi no mês ou 45% do total. Contudo, o valor ficou 9,8% abaixo do observado em jan/25. Os demais instrumentos de renda fixa totalizaram R\$ 19,3 bi em captações, respondendo por 32% do total, com avanço real de 51,1% ante jan/25. O avanço foi puxado pelas notas comerciais (R\$ 6,4 bi), valor quatro vezes maior que em jan/25 e pelos FIDCs (+90,2%), que praticamente dobraram no comparativo.

As emissões via renda variável voltaram a ter alguma relevância (13% do total), com captações de R\$ 7,9 bi no mês, em função de duas operações de *follow-on*. Uma única operação, da companhia aérea Azul representou quase o valor total (R\$ 7,4 bi). De todo modo, o mercado doméstico segue sem ter um IPO desde jan/22 (as operações do PicPay e do Agibank foram realizadas fora do país). Como comparação, em jan/25, não houve nenhuma captação via renda variável.

Os instrumentos híbridos foram responsáveis por 10% do total captado no mês (R\$ 5,8 bi), valor 8,4% maior do que em jan/25, com o avanço dos FIIs (+13,8%) mais que compensando a queda dos FIAGROs (-12,5%).

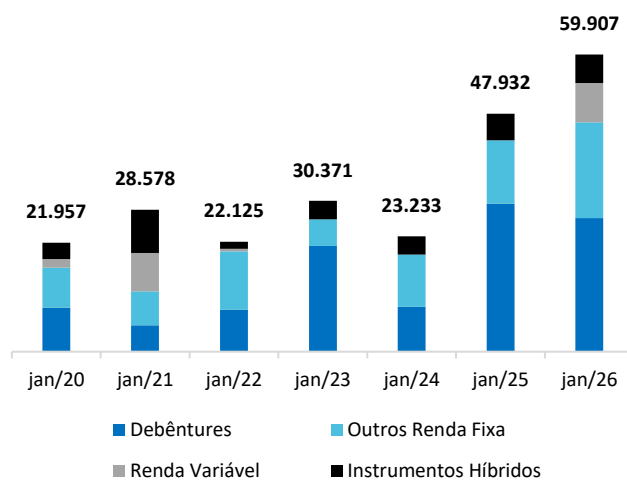
Portanto, o mercado de capitais segue com bom dinamismo, se mantendo como uma fonte alternativa de financiamento para as empresas, embora ainda concentrado nas emissões de renda fixa (dívida). De toda forma, a expectativa é de alguma retomada nas captações via renda variável (*equity*), em função do ciclo de cortes da Selic, que deve começar em março. Além do ciclo econômico, importante também acompanhar as discussões tributárias, que podem impactar alguns instrumentos e direcionar interesses por determinados papéis.

Quadro 10: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ mi – Preços de jan/26 (IPCA)



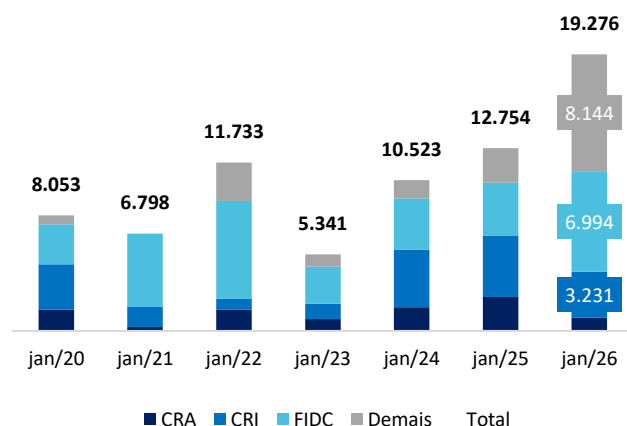
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 11: Volume de captação Meses de janeiro - Em R\$ mi (IPCA de jan/26)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 12: Captação Demais Instrumentos de Renda Fixa – Meses de janeiro - Em R\$ mi (IPCA de jan/26)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	20/02/26	13/02/26	23/01/26	Viés	20/02/26	13/02/26	23/01/26	Viés
IPCA (%)	3,91	3,95	4,00	▼	3,80	3,80	3,80	↔
PIB (% de crescimento)	1,82	1,80	1,80	▲	1,80	1,80	1,80	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,13	12,25	12,25	▼	10,50	10,50	10,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,45	5,50	5,50	▼	5,50	5,50	5,51	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	20/02/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,18	-0,91%	-11,91%	-5,47%	-9,25%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	127,04	-1,22%	-28,52%	-8,28%	-22,87%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,77	-0,15%	12,29%	-0,84%	9,95%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,07	-0,63%	-12,30%	-5,33%	-11,09%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,08	-0,33%	-11,59%	-2,98%	-9,79%
Índice Ibovespa (em pontos)	190.517,89	2,17%	50,12%	18,24%	49,31%
IFNC (setor financeiro)	21.032,19	3,79%	60,61%	21,60%	58,66%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,48	2,07%	-1,26%	0,86%	-18,54%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,08	0,89%	-3,57%	-0,91%	-9,34%
Dollar Index	97,74	0,86%	0,78%	-0,50%	-8,11%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.906,22	1,02%	-0,47%	0,14%	12,89%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	169,18	1,68%	0,93%	2,19%	23,88%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	138,82	0,68%	4,38%	10,83%	11,83%
Índice Euro Stoxx 50	6.131,31	2,44%	3,09%	5,78%	12,27%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	272,01	5,40%	-1,22%	3,12%	55,00%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	71,72	5,86%	1,46%	15,83%	-6,22%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins